La Comédiathèque



Véspera de Natal na esquadra

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Véspera de Natal na esquadra

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na véspera de Natal, dois polícias estão de serviço durante a noite, tendo por única companhia alguns náufragos das festas. É então que o ministro do Interior surge de surpresa para prestar homenagem à dedicação das forças da ordem.

Como seria de esperar, nada vai correr como previsto…

Personagens:
Comissário
Polícia 1
Polícia 2
Polícia 3
Chefe de gabinete do ministro
Denunciante
Vagabundo
Mitómano
Travesti
Paranoico

De 6 a 10 intérpretes
Todos os papéis podem ser interpretados indistintamente por homens ou mulheres.
Os últimos cinco papéis podem ser acumulados por um ou mais intérpretes.

© La Comédiathèque

Um gabinete sombrio numa esquadra que parece não pertencer a nenhuma época nem a nenhum lugar em particular. A um canto, uma árvore de Natal miserável tenta alegrar um cenário digno de uma série policial de terceira categoria. Dois polícias desalinhados, cada um com uma pistola no coldre, acabam uma partida de póquer sobre uma secretária. O Polícia 1 mostra as cartas.

Polícia 1 *(confiante)* – Par de damas.

Polícia 2 – Par de reis.

Polícia 1 – Merda…

O Polícia 1 tira o cinto e entrega-o ao Polícia 2.

Polícia 1 – Fico por aqui. Não vou apostar também as calças.

Polícia 2 – Fazes bem. Se o comissário entrasse e te apanhasse em cuecas, ainda podia tirar conclusões precipitadas.

Guardam as cartas.

Polícia 1 – Que horas são?

Polícia 2 – Perguntaste-me isso há cinco minutos. Eram cinco para as dez.

Polícia 1 – E então? Que horas são agora?

Polícia 2 *(apontando para a testa)* – Está escrito «relógio falante» na minha testa?

Polícia 1 – Ganhaste-me o relógio! Ao menos podias dizer-me as horas!

Polícia 2 – Ganhei-o honestamente. Com um trio de ases.

Polícia 1 – Essa do honestamente ainda está por provar… E para que queres um relógio em cada pulso?

Irritado, o Polícia 2 tira um dos relógios.

Polícia 2 – Até metes pena. *(Atira-lhe o relógio.)* Toma lá o teu precioso relógio.

O Polícia 1 não consegue apanhá-lo. O relógio cai ao chão. Ele apanha-o e encosta-o ao ouvido.

Polícia 1 – Muito bonito. Agora deixou de funcionar.

Polícia 2 – Hora do óbito?

Polícia 1 *(olhando para o relógio)* – Dez em ponto.

Polícia 2 – Pronto, já sabes que horas são.

Pausa.

Polícia 1 – Está tudo calmo, não está?

Polícia 2 – É sempre assim nesta altura do ano…

Polícia 1 – A trégua de Natal, como se costuma dizer.

Polícia 2 – Até os assassinos em série respeitam as tradições. Devem estar agora mesmo a trinchar o peru.

Polícia 1 – Porque é que nos calhou outra vez a nós?

Polícia 2 – Tirámos à sorte com os colegas. Mas tens razão: já é a terceira véspera de Natal seguida que passamos de serviço. É suspeito.

Polícia 1 – Achas que fizeram batota?

Polícia 2 – Para o ano decidimos ao póquer.

Polícia 1 – E como é que se faz batota num sorteio?

Polícia 2 – Vê o lado positivo: podias estar em casa a abrir ostras para os teus sogros. A tradição natalícia preferida deles.

Polícia 1 – Eu nem sequer gosto de ostras.

Polícia 2 – Ninguém gosta! E são perigosíssimas.

Polícia 1 – Nunca ouvi dizer que alguém tivesse apresentado queixa contra uma ostra por agressão.

Polícia 2 – Segundo as estatísticas oficiais, no Natal há mais polícias feridos a abrir ostras do que a limpar a arma de serviço.

Polícia 1 – A sério?

Polícia 2 – No Natal, toda a gente se aborrece. Por isso ficam em casa a arriscar a vida para abrir uns moluscos que detestam e servi-los a convidados que também os detestam.

Polícia 1 – Tens razão. Estamos melhor aqui.

Polícia 2 – De qualquer maneira, não temos escolha. O nosso turno só acaba amanhã às oito.

Polícia 1 – Alguém tem de proteger os cidadãos honestos que se embebedam em família.

Polícia 2 – Somos super-heróis, meu caro. Faz parte da farda.

Polícia 1 – E ninguém dá valor ao nosso sacrifício.

Polícia 2 – Os soldados destacados no estrangeiro recebem a visita do chefe de Estado pelo Natal. Helicóptero, champanhe, iguarias, strippers no saco do Pai Natal… Têm tudo.

Polícia 1 – Strippers, achas?

Polícia 2 – E nós, os soldados da frente interna, nem sequer recebemos a visita do presidente da câmara com uma garrafa de espumante barato.

Polícia 1 – E aposto que nesta zona ardem mais carros na véspera de Natal do que em meia dúzia de zonas de guerra.

Polícia 2 – Os polícias também são pessoas. Até nós ficamos deprimidos na véspera de Natal.

Polícia 1 – Aqui temos disso com fartura… De bichos, quero eu dizer. *(Descalça um sapato e esmaga qualquer coisa.)* Baratas por todo o lado. Não há maneira de acabar com elas.

Entra o Polícia 3, homem ou mulher, com maneiras vistosas e teatrais.

Polícia 3 – Têm visita…

Polícia 1 – Visita?

Polícia 3 – Até os presos recebem visitas pelo Natal. Parece que já chegou a vossa prenda anual.

Entra uma pessoa atrás do Polícia 3, com uma garrafa na mão.

Polícia 1 – Não… Outra vez este.

Polícia 2 – Boa noite, senhor Martin. Que prazer vê-lo!

Denunciante – Boa noite, senhores agentes! Passava por aqui para vos desejar um feliz Natal. Não estou a incomodar, pois não?

Polícia 2 – O senhor nunca incomoda, senhor Martin.

Polícia 1 – Por acaso, estávamos mesmo a falar de si… Bem, das baratas em geral.

Polícia 2 – Ainda bem que há cidadãos exemplares como o senhor, sempre prontos a colaborar com a nossa nobre missão.

Polícia 3 – Com mais meia dúzia de senhores Martin, a câmara poupava uma fortuna em câmaras de vigilância.

Polícia 2 – Quem vem denunciar hoje, senhor Martin? Um suposto bígamo? Um burlão dos apoios sociais? Um órfão sem documentos?

Denunciante – Hoje, por uma vez, ninguém. Venho apenas, como vizinho, prestar homenagem a quem nos protege dos inimigos internos.

Polícia 1 – Vejo que não veio de mãos a abanar.

Denunciante – Sei o que é passar o Natal longe da família. A minha já nem me pode ver. Por isso, se puder alegrar um pouco a noite aos nossos valentes defensores da ordem… Tomem. Ainda me hão de agradecer.

Martin pousa a garrafa numa secretária.

Polícia 1 – É caseiro? O rótulo está escrito à mão, como os frascos de compota da minha avó.

Polícia 2 *(lendo por cima do ombro do Polícia 1)* – Licor de castanhas.

Polícia 3 – Não sabia que se podia fazer licor de castanhas.

Denunciante – Pode fazer-se álcool de qualquer coisa. Durante a guerra, o meu avô até o fazia com cascas de batata e solas velhas de sapatos.

Polícia 3 – Cinquenta e três graus! Bem, há de matar alguma coisa. Micróbios, por exemplo.

Denunciante – O meu avô deixou-me algumas garrafas antes de ser fuzilado no fim da guerra, por ter estado do lado errado. Este licor foi destilado antes de os senhores nascerem.

Polícia 2 – Sabe que destilar álcool sem licença pode constituir crime, senhor Martin? Podíamos detê-lo por violar a lei.

O senhor Martin parece preocupado.

Polícia 3 – O meu colega está a brincar, claro.

Polícia 1 – E, de certeza, o crime já prescreveu. Pena não podermos brindar consigo. Em serviço, nunca. São as regras.

Denunciante – Então bebam um copo à minha saúde na passagem de ano. Se não vos voltar a calhar estar de serviço… Bem, deixo-vos trabalhar. Devem ter muita gente para prender.

Polícia 3 – Nesta altura não temos mãos a medir. Quase todas as noites esgotamos a lotação. Acompanho-o à saída, senhor Martin?

Denunciante – Conheço o caminho, mas agradeço a atenção.

Polícia 2 – Já é quase da família.

Polícia 1 – E obrigado pela garrafa!

Martin prepara-se para sair, mas lembra-se de uma coisa.

Denunciante – Ah, mais uma coisa. O meu vizinho não renovou o seguro do carro. Querem a matrícula?

Polícia 2 – Estamos com falta de pessoal. Volte depois do Ano Novo para fazer a denúncia.

Denunciante – Com certeza! Feliz Natal, apesar de tudo!

Martin sai, seguido pelo Polícia 3.

Polícia 1 – E depois dizem que ninguém gosta da polícia.

Polícia 2 – Queixamo-nos de que ninguém gosta de nós, mas alguém gostar tanto da polícia é um bocado suspeito.

Polícia 1 – Ainda bem que não bebemos com ele. Era capaz de nos denunciar aos Assuntos Internos por bebermos em serviço.

O Polícia 1 abre a garrafa enquanto o Polícia 2 vai buscar dois copos. Enche-os e brindam.

Polícia 1 – Bem… Feliz Natal.

Polícia 2 – Igualmente.

Bebem os copos de um trago.

Polícia 1 – Ufa! Isto é forte.

Polícia 2 – Cinquenta e três graus.

Polícia 1 – Limpa-nos por dentro.

Polícia 2 – Temos de lhe pedir a receita.

Polícia 1 – Aqui há mais qualquer coisa além de castanhas.

Polícia 2 – Se calhar o avô acrescentava um bocadinho de desentupidor de canos para realçar as delicadas notas frutadas.

Polícia 1 – Este licor é mais velho do que nós.

Polícia 2 – O velho devia fabricá-lo na cave, durante o recolher obrigatório, com tudo o que lhe viesse à mão.

Polícia 1 – A maneira dele de contribuir para a resistência.

Polícia 2 – Mais uma rodada. Antes nós do que o inimigo.

O Polícia 1 volta a encher os copos, e ambos os esvaziam de um trago.

Polícia 1 – Não sei se leva desentupidor, mas desentope mesmo a canalização.

O Polícia 3 regressa, arrastando um vagabundo bêbedo. Os Polícias 1 e 2 escondem à pressa a garrafa e os copos.

Polícia 3 – Apanhámo-lo a mostrar o rabo mesmo à frente da esquadra.

Polícia 1 – Como se já não tivéssemos visto atrocidades suficientes.

Vagabundo – Morte à bófia!

Polícia 2 – «Bófia»? Que antiquado. De que série policial é que tiraste essa?

Polícia 3 – Há que lhe reconhecer o mérito de recorrer aos clássicos.

Polícia 2 – O que fazemos com ele?

Polícia 1 – Um pouco de respeito pelos mais velhos.

Polícia 2 – Alguém que odeia assim tanto a polícia não pode ser inteiramente mau. Deixemo-lo ir. É Natal.

Polícia 1 – Não sei se é inteiramente mau, mas cheira pessimamente.

Polícia 3 – Sozinho é uma arma de destruição maciça. Lançam-no de paraquedas atrás das linhas inimigas e ganham a guerra.

Vagabundo – Insulto à autoridade! Não podem soltar-me! Conheço os meus direitos!

Polícia 1 – Mais um que prefere passar a véspera de Natal numa cela a morrer de frio na rua.

Polícia 2 *(ao Polícia 3)* – Arranja-lhe uma cela individual. Não vá o resto dos detidos acusar-nos de usar armas químicas.

Vagabundo – Que Deus vos pague, meus senhores!

O Polícia 3 começa a levá-lo, mas o Polícia 1 detém-no.

Polícia 1 – Um momento. O cinto, se faz favor.

Vagabundo – O meu cinto? Para quê?

Polícia 1 – Está detido. É o regulamento.

O Vagabundo entrega o cinto de má vontade.

Vagabundo – Também quer os atacadores?

Polícia 1 – Não, obrigado. Isso chega.

O Polícia 3 leva o Vagabundo. O Polícia 1, que perdeu o seu cinto ao póquer, põe o do detido.

Polícia 1 – Ao menos já tenho outro cinto.

O Polícia 1 volta a tirar a garrafa e os copos. Continuam a beber.

Polícia 1 – É curioso… Acabei de me lembrar de uma coisa de há muitos anos.

Polícia 2 – Não te sintas obrigado a contar.

Polícia 1 – Devia ter uns cinco anos. O meu pai tinha uma loja de brinquedos. Chamava-se «O Paraíso das Crianças».

Polícia 2 – Ufa. Por momentos pensei que ias contar-me a história da tua infância infeliz.

Polícia 1 – Infelizmente, ele era de uma avareza terrível.

Polícia 2 – Ah…

Polícia 1 – Numa véspera de Natal, a minha mãe ofereceu-me um enorme urso de peluche que estava na montra.

Polícia 2 – Qualquer coisa me diz que isto acaba mal.

Polícia 1 – O meu pai ficou furioso. Bateu na minha mãe, arrancou-me o urso dos braços e voltou a pô-lo na montra.

Polícia 2 – Pois…

Polícia 1 – Às vezes pergunto-me se não é por isso que o Natal me deprime desde então.

Polícia 2 – Olha, acabaste de poupar dez anos de terapia. E eu nem te cobrei nada por ouvir essas tretas, a não ser o que te ganhei ao póquer.

Silêncio pesado. O Polícia 1 parece profundamente abatido.

Polícia 2 – Se calhar também devia confiscar-te esse cinto. Não te vais enforcar no cabide mal eu vire costas, pois não?

O Polícia 3 regressa com uma prostituta de aparência sexual ambígua: uma mulher de aspeto masculino ou um homem travestido.

Polícia 1 – E isto é o quê?

Polícia 3 – Elenco variável, como se diz no teatro.

Polícia 1 – Nunca vou ao teatro. Adormeço sempre. E isso quer dizer o quê?

Polícia 2 – Que não sabemos se tem ou não tem.

Travesti – Querem confirmar?

Polícia 1 – Na dúvida, tratamo-la por senhora.

Travesti – Menina, se não se importa.

Polícia 1 – Muito bem. E o que traz a menina até nós?

Polícia 3 – Andava a angariar clientes à porta de uma sinagoga.

Polícia 1 – Já não há respeito por nada?

Polícia 2 – E se calhar nem sequer é circuncidada.

Travesti – Preferiam que trabalhasse à saída da missa do galo?

Polícia 3 – E acusamo-la de quê? Não podemos prendê-la por antissemitismo.

Travesti – Sabem o que disse uma atriz famosa quando a acusaram de dormir com o inimigo durante a guerra?

Polícia 2 – Faça o favor de nos esclarecer.

Polícia 3 *(respondendo por ela)* – «O meu coração pertence ao meu país, mas o meu cu é internacional.»

Travesti – Pois o meu é ecuménico.

Polícia 1 – Ecu… quê?

Polícia 2 – Esquece. Soa a obscenidade.

Polícia 1 – Pronto, soltamo-la depois da missa do galo.

Travesti – E, afinal, de que é que me acusam?

Polícia 2 – Perturbação da ordem bíblica. Serve-lhe?

Polícia 1 – Mete-a na suite presidencial e trata de que não lhe falte nada.

Travesti – Vão arrepender-se! Não sabem com quem estão a falar. Tenho contactos, e não só com ministros do culto.

Polícia 2 – Se alguma vez tiver o ministro do Interior na cama, diga-lhe ao ouvido que precisamos de mais pessoal.

Travesti – Vão todos para o caralho, seus cabrões!

Polícia 1 – Feliz Natal para si também. *(O Polícia 3 leva a Travesti.)* Que linguagem tão ordinária têm as prostitutas hoje em dia.

Polícia 2 – Nota-se que não lhes deram educação nenhuma.

Os dois polícias continuam a beber.

Polícia 1 – Que estranho. Acabei de me lembrar de outra coisa.

O Polícia 2 olha, preocupado, para o rótulo da garrafa.

Polícia 2 – Mas que raio nos deu aquele homem? Um soro da verdade? Se calhar era melhor parares de beber.

Polícia 1 – Foi noutro Natal. Eu devia ter dez anos. O meu pai tinha acabado de morrer, por sinal em circunstâncias bastante misteriosas.

Polícia 2 – Não. Agora quem se vai enforcar sou eu.

Polícia 1 – Ainda acreditava no Pai Natal. A minha mãe disse-me que ele viria à meia-noite, por isso fiquei acordado para o ver.

Polícia 2 – E, claro, nunca o viste.

Polícia 1 – Vi, sim. Acordei por volta da meia-noite e fui ver o que ele me tinha deixado. E lá estava ele… na cama da minha mãe.

Polícia 2 – E depois admiras-te de não gostar de ostras.

Polícia 1 – Voltei para a cama. Mas, se naquela altura tivesse a pistola que tenho hoje, tinha dado um tiro no Pai Natal. Acho que foi por isso que me tornei polícia. Para ter uma bem grande.

Polícia 2 – Uma quê, bem grande?

Polícia 1 – Uma pistola! Para acabar com ele!

Polícia 2 – Se calhar era mesmo melhor ires ao psicólogo. Mesmo que te custasse metade do ordenado.

Entra o Comissário. Os Polícias 1 e 2, esparramados nas cadeiras, endireitam-se, mas já não vão a tempo de esconder a garrafa.

Polícia 1 – Comissário…

Comissário – Estou a ver que já começaram a celebrar o nascimento do Menino Jesus.

Polícia 2 – Um presente de um dos nossos informadores mais entusiastas, comissário.

Polícia 1 – Não podíamos recusar brindar com ele. Teria sido uma falta de educação.

Comissário – Naturalmente. E o que temos nas celas?

Polícia 1 – O habitual na véspera de Natal, comissário. Uns quantos náufragos das festas: um vagabundo, uma prostituta, um exibicionista, um mirone…

Comissário – Acrescentem um boi e um burro, e têm um presépio vivo.

Polícia 2 – Só nos faltam os Reis Magos.

Comissário – Ponham o exibicionista e o mirone na mesma cela. Pelo menos esses dois vão passar um feliz Natal. Mais alguma coisa?

Entra o Polícia 3 com outra pessoa.

Polícia 3 – Isto vai interessar-lhe, comissário. Este senhor veio por iniciativa própria confessar um assassínio e entregar-se.

Comissário – Uma confissão espontânea? Que maçada. Assim tiram-nos a diversão do trabalho. E com os cortes no orçamento já só substituem um em cada dois agentes que se reformam. Ora bem, meu caro, o que fez? Esfaqueou a sua cara-metade com a faca de trinchar porque o assado estava queimado? Não se ria: aconteceu cá no Natal passado.

Mitómano – Não exatamente.

Comissário – Ofensas à integridade física, então? Ao que parece, para algumas pessoas, também é tradição de Natal dar umas boas pancadas à sua perua antes de a rechear.

Mitómano – O meu crime é muito mais importante, comissário.

Comissário – Estou a ouvi-lo.

Mitómano – Fui eu que assassinei o presidente Kennedy.

Silêncio de estupefação.

Polícia 3 – Eu disse-lhe que isto ia interessar-lhe.

Comissário – Ah, sim? E, já agora, também assassinou Júlio César? Assim até podia ser considerado reincidente.

Mitómano – Eu sabia que não iam acreditar em mim.

Polícia 3 – Bem, comissário, é verdade que a morte de Kennedy nunca foi totalmente esclarecida.

Comissário – Obrigado, Sherlock Holmes. Se precisar de ajuda para resolver o caso, eu aviso-o.

Polícia 3 – Com certeza, comissário.

Comissário – Fazemos assim: os meus agentes dão-lhe papel e caneta. Escreve a confissão completa e amanhã, com a cabeça mais fresca, damos-lhe uma vista de olhos. Está bem?

Mitómano – Com certeza. Obrigado por me ouvir, comissário.

O Polícia 1 entrega ao Mitómano um bloco de notas e uma esferográfica.

Comissário *(ao Polícia 3)* – Acompanhe o senhor à cela, se faz favor.

Mitómano – Podia dar-me um café? Acho que vou demorar bastante a escrever.

Os outros reviram os olhos.

Polícia 3 – Quantos pacotes de açúcar?

O Polícia 3 leva o Mitómano.

Comissário – A este ritmo, o próximo vem confessar o assassínio de Alexandre Magno.

Polícia 2 – Esse, pelo menos, já deve ter prescrito.

Comissário – Outro que não sabia onde passar a véspera de Natal.

Polícia 2 – As festas podem ser muito cruéis para quem está sozinho.

Polícia 1 – Isto também não é nenhum albergue. Se continuarem a aparecer hóspedes sem reserva, vamos ter de recusar clientes.

Comissário – Bom, alguns de nós têm família à espera. Deixo-vos a tomar conta da loja, está bem?

Polícia 1 – Pode contar connosco, comissário.

Comissário – Fico com o telemóvel ligado, caso haja alguma emergência. Ah, quase me esquecia de uma coisa. É muito pouco provável que vos calhe, mas…

Polícia 1 – Também diziam isso dos turnos de Natal. E já vamos no terceiro ano seguido.

Comissário – Não, estou a falar do novo ministro do Interior. Lembrou-se de fazer uma visita-surpresa a uma esquadra escolhida ao acaso, para agradecer o trabalho dos agentes de serviço.

Polícia 1 – Ora essa.

Comissário – Copiou a ideia ao exército: visita à linha da frente na véspera de Natal, fotografia heroica num bairro problemático…

Polícia 2 – Ficaríamos profundamente emocionados com tamanha honra, comissário.

Comissário – Pois procurem ter um aspeto apresentável. E não abusem dessa garrafa.

Polícia 2 – Antes de se ir embora, podia beber um copo connosco, comissário. Afinal, é Natal.

Comissário – Está bem, só um.

O Polícia 1 enche três copos. O Comissário examina o rótulo da garrafa.

Comissário – Mas que raio é isto?

Polícia 1 – Uma especialidade da região.

Comissário – De que região?

Polícia 2 – De uma região onde as autoridades sanitárias são bastante tolerantes. Já vai ver.

O Comissário prova o licor e faz uma careta. Os outros dois riem-se.

Comissário – Valha-me Deus!

Polícia 1 – Cinquenta e três graus.

Comissário – Não vos aconselho a fumar ao pé desta garrafa.

Todos voltam a beber um gole.

Polícia 1 – Que curioso. Isto faz-me lembrar uma coisa…

Comissário *(interrompendo-o)* – Contas-me isso noutro dia. Estou atrasadíssimo.

Polícia 2 – Este ano não se vai mascarar de Pai Natal, comissário, para nos trazer prendas e deixá-las debaixo da árvore?

Comissário – Só se se tiverem portado bem. Bom serviço!

Polícia 1 – Feliz Natal, comissário!

O Comissário sai e cruza-se com o Polícia 3, que entra acompanhado de alguém muito exaltado.

Polícia 1 – E agora, o que temos?

Polícia 3 – Nada de grave. Ao que parece, o mundo acaba a 31 de dezembro. Este senhor explica-vos os pormenores.

Paranoico – Serei breve. O tempo está a esgotar-se. Sou astrónomo amador.

Polícia 2 – Isto promete.

Paranoico – Há semanas que observo pelo telescópio um objeto que se aproxima da Terra à velocidade da luz.

Polícia 2 – Pois…

Paranoico – Segundo os meus cálculos, vai embater nesta cidade precisamente à meia-noite de 31 de dezembro.

Polícia 2 – E o que é que espera que façamos quanto a isso?

Polícia 1 – Mas estão sempre a cair meteoritos na Terra, não estão?

Polícia 3 – Aí é que está o problema. Segundo este senhor, tem o tamanho de uma pequena ilha.

Paranoico – E, curiosamente, tem a forma exata de uma árvore de Natal.

Polícia 2 – Que pormenor tão natalício.

Paranoico – O Governo e os meios de comunicação sabem de tudo, evidentemente, mas estão a esconder a informação para evitar o pânico.

Polícia 2 – É o costume. Ao cidadão, ninguém conta nada.

Polícia 1 – Bem, uma pequena ilha também não é assim tão grande. E esta cidade até precisava de umas obras de fundo. Não há de ser o fim do mundo.

Paranoico – Perderam o juízo? Um objeto desses, a deslocar-se à velocidade da luz, libertaria a energia de milhões de bombas nucleares!

Polícia 1 – Ah. Assim já é mais sério.

Polícia 2 – E pensar que andamos há anos a gastar dinheiro em fogo de artifício na passagem de ano.

Paranoico – Fogo de artifício? O planeta inteiro vai desfazer-se em pedaços com o impacto! Depois virá um inverno nuclear que durará milhões de anos. Vamos extinguir-nos como os dinossauros! Com sorte, sobrevivem algumas baratas.

Polícia 2 – Porra. Nem assim nos livramos delas.

Polícia 1 – São rijas. E olha que já tentámos de tudo.

Polícia 2 *(ao Polícia 3)* – E porque é que nos trouxeste o Nostradamus? Quer apresentar queixa contra Deus?

Polícia 3 – Tentativa de suicídio.

Polícia 2 – Como disseste?

Polícia 3 – Atirou-se de uma ponte para o rio.

Polícia 1 – Para quê matar-se uma semana antes do fim do mundo?

Polícia 3 – Talvez tenha sido o seu último ato de livre-arbítrio. Uma maneira de decidir o próprio destino, apesar da certeza da morte. Já leram o que Nietzsche escreveu sobre o suicídio?

Polícia 2 – E o direito de tirar a própria vida? Que eu saiba, não é crime.

Polícia 3 – O problema é que passava mesmo por baixo um barco turístico. Caiu em cima de uma senhora que estava no convés superior. Para sorte dele, era bastante avantajada e amorteceu-lhe a queda. Ela acabou no hospital e apresentou queixa.

Polícia 1 – Deve ter pensado que o céu lhe caía em cima.

Polícia 2 – Está bem. Mete-o numa cela até amanhã. Depois resolvemos isto com o comissário.

Paranoico – O mundo acaba dentro de uma semana! Arrependam-se enquanto é tempo!

O Polícia 3 leva o Paranoico.

Polícia 2 – Um asteroide em forma de árvore de Natal a cair sobre esta cidade. Só nos faltava esta.

Polícia 1 – Também não é impossível. Já caíram asteroides antes. Porque não precisamente na passagem de ano?

Polícia 2 – Pois eu também tenho uma previsão: a 31 de dezembro acaba o ano.

Polícia 1 – O que farias se o mundo acabasse daqui a uma semana?

Polícia 2 – Não ficava aqui a desperdiçar a vida por um ordenado miserável enquanto ouço as tuas parvoíces. Sabes o que nos estraga a existência?

Polícia 1 – O quê?

Polícia 2 – O futuro! Desde pequenos que nos ensinam a desistir dos nossos sonhos para garantir o futuro. Se calhar aquele maluco tem razão: devíamos viver como se o mundo acabasse na próxima semana.

Polícia 1 – A ele, pelos vistos, isso levou-o a atirar-se de uma ponte.

Polícia 2 – Em cima de uma mulher. Se calhar é a maneira dele de conquistar alguém. Se achasse que o fim estava próximo, atirava-me à primeira mulher que encontrasse. E, se não houvesse nenhuma… se calhar até me atirava a ti.

O Polícia 1 olha inquieto para o colega e volta a encher os copos.

Polícia 1 – Porque é que te tornaste polícia?

Polícia 2 – Em pequeno, quando brincávamos aos índios e aos cowboys, eu queria sempre ser índio. Depois disseram-me que pensasse no futuro. Por isso tornei-me cowboy.

Polícia 1 – E afinal nunca tivemos ocasião de sacar das pistolas, a não ser na carreira de tiro.

Polícia 2 – Felizmente para a população. Eras capaz de falhar um elefante a dois metros de distância.

Polícia 1 – Eu disparo melhor do que tu.

Polícia 2 – Estás a desafiar-me?

Polícia 1 – Podemos treinar com as baratas. Olha, está uma naquela parede. Aposto que daqui lhe acerto mesmo entre os olhos.

O Polícia 1 tira a segurança à pistola e aponta.

Polícia 2 – És mesmo idiota! Ainda disparas a sério! Guarda isso antes que mates alguém!

O Polícia 1 finge disparar, ri-se e guarda a pistola no coldre.

Polícia 1 *(erguendo o copo)* – Às baratas!

Polícia 2 – Sim. Quando desaparecermos, vai caber-lhes reconstruir a civilização.

Bebem.

Polícia 2 – Vou à casa de banho esvaziar o carregador. Aquele licor desentope mesmo a canalização.

O Polícia 2 sai. O Polícia 1, bastante bêbedo, adormece na cadeira e vai escorregando até cair ao chão. Entra uma figura vestida de Pai Natal, com um saco. Como não vê ninguém, detém-se. O Polícia 1 levanta-se, atordoado, por trás da secretária e descobre o recém-chegado.

Pai Natal *(com a voz abafada pela barba postiça)* – Feliz Natal!

Polícia 1 – Mas que…?! Pai Natal! *(Saca da pistola.)* Há anos que espero para te deitar as mãos em cima!

O Pai Natal ergue as mãos, assustado.

Pai Natal – Mas…

Polícia 1 – Cala a boca e não te mexas! Já não achas tanta graça, pois não, Pai Natal? Devia era… *(A arma dispara acidentalmente.)* Merda! Esqueci-me de voltar a pôr a segurança.

O Pai Natal cai por terra. O Polícia 2 regressa da casa de banho e vê a figura estendida no chão.

Polícia 2 – Mas que raio aconteceu aqui?

Polícia 1 – Acabei de dar um tiro no Pai Natal.

Polícia 2 – Magnífico. Uma catástrofe de relações públicas. E precisamente a 24 de dezembro. Imaginas quantas crianças acabaste de desiludir?

Polícia 1 – Foi um acidente!

Polícia 2 – Isso explicas ao juiz. Homicídio por negligência.

Polícia 1 – Achas que está morto?

O Polícia 2 compreende finalmente a gravidade da situação.

Polícia 2 – Espera aí. Deste-lhe mesmo um tiro? Quem raio é este tipo?

Polícia 1 – Juro-te que não sei. Apareceu do nada.

Polícia 2 – Se fosse o verdadeiro Pai Natal, talvez conseguíssemos abafar o caso.

Polícia 1 – Achas?

Polícia 2 – Vá lá, na tua idade já deves saber que o Pai Natal não existe. O último que viste estava na cama da tua mãe.

Polícia 1 – Então quem…? O comissário! Disse que talvez se mascarasse de Pai Natal para nos trazer prendas. Eu achei que estava a brincar!

O Polícia 2 inclina-se sobre a figura imóvel.

Polícia 2 – Vamos tirar-lhe o gorro e a barba para ver quem é.

Antes que o possa fazer, entra o Comissário, muito agitado.

Comissário – Temos um problema dos grandes!

Polícia 1 – Não me diga…

Polícia 2 – O que se passa, comissário?

Comissário – O ministro! Acabaram de anunciar que está a chegar!

Polícia 1 – Que ministro?

Comissário – O do Interior! Escolheu a nossa esquadra para a visita de Natal!

Polícia 2 – Não me diga!

Comissário – Eu podia estar em casa com a família. Mas, se o impressionarmos, talvez finalmente nos concedam os reforços que pedimos há anos.

Polícia 1 – Não o vamos desiludir, comissário!

O Comissário vê o Pai Natal estendido no chão.

Comissário – E o que está aquilo a fazer ali?

Polícia 1 – Bem, é que…

Polícia 2 – Bêbedo e a perturbar a ordem pública, comissário. Encontrámo-lo à porta de uns grandes armazéns, a mostrar as suas… bem… aos clientes…

Comissário – Não quero pormenores! Tirem-no daqui imediatamente!

Polícia 1 – Vai direitinho para uma cela, até lhe passar a bebedeira, comissário.

Comissário – E escondam essa maldita garrafa! O chefe de gabinete está a estacionar o carro oficial, mas o ministro já anda por aqui. Vou procurá-lo.

O Comissário sai. Os polícias olham para o Pai Natal.

Polícia 2 – Afinal, também não era o comissário.

Polícia 1 – Então quem raio é?

Polícia 2 – O importante é esconder o cadáver antes de o ministro chegar. O Pai Natal abatido pela polícia na véspera de Natal? Não é propriamente a melhor maneira de impressionar o ministro.

Polícia 1 – Não há celas individuais livres. E, se o metermos com os outros detidos, vão começar a fazer perguntas.

Polícia 2 – Não temos tempo. Por agora, atrás da secretária. O ministro pode entrar a qualquer momento.

Arrastam o Pai Natal para trás da secretária e escondem o corpo. Entra o chefe de gabinete do ministro.

Chefe de gabinete – Boa noite, senhores agentes! Feliz Natal!

Polícia 1 – Senhor ministro!

Chefe de gabinete – Não, sou apenas o chefe de gabinete. Esperava encontrá-lo aqui. Estive a tentar estacionar o carro oficial.

Polícia 2 – O carro oficial?

Chefe de gabinete – Um utilitário minúsculo. Cortes orçamentais. E, além disso, tenho de o conduzir eu próprio. Nem imaginam como é difícil estacionar neste bairro!

Polícia 2 – Pelos vistos, até os pobres conseguem comprar carro.

Chefe de gabinete – E muitas vezes melhores do que o nosso, acredite. Tive de o deixar em segunda fila. E com esta neve!

Polícia 1 – Não se preocupe. Se lhe passarem uma multa, fazemos com que desapareça.

Chefe de gabinete – De maneira nenhuma! O nosso Governo orgulha-se de ter uma integridade irrepreensível.

Polícia 2 – Naturalmente.

Chefe de gabinete – Não percebo. Tínhamos combinado encontrar-nos aqui. Ele veio de trenó.

Polícia 1 – De trenó?

Chefe de gabinete – As renas excediam o orçamento, por isso recorremos a cães-polícia. Então, viram-no?

Polícia 2 – O trenó?

Chefe de gabinete – O ministro! Não podiam ter deixado de o ver. Está mascarado de Pai Natal.

Polícia 1 – De Pai Natal?!

Chefe de gabinete – Pode parecer um pouco infantil, mas é um símbolo muito poderoso. A polícia é uma grande família e o ministro é o pai que recompensa os filhos. Desde que se portem bem, claro. Então, viram-no?

Polícia 2 – Talvez esteja noutro gabinete.

Chefe de gabinete – Vou dar uma vista de olhos. Depois voltamos para vos cumprimentar como deve ser.

Polícia 2 – Com certeza.

Chefe de gabinete – E, por favor, não mudem nada por nossa causa. Façam de conta que não estamos aqui.

Sai o Chefe de gabinete. Os dois polícias ficam desolados. Lentamente, olham para o lugar onde esconderam o Pai Natal.

Polícia 1 – O ministro do Interior…

Polícia 2 – Parece-me que vai haver uma remodelação do Governo. E definitiva.

Polícia 1 – Meu Deus…

Polícia 2 – Como asneira policial, vai ser difícil superar esta.

Polícia 1 – O que fazemos?

Polícia 2 – Havemos de nos lembrar de alguma coisa.

Polícia 1 – Achas mesmo?

Polícia 2 – Não. Estava só a tentar animar-te.

Polícia 1 – Não podemos deixá-lo ali. Aquele tipo volta já.

Polícia 2 – Então metemo-lo numa cela.

Tiram o Pai Natal de trás da secretária e começam a arrastá-lo. O Polícia 3 regressa.

Polícia 3 – Precisam de ajuda?

Polícia 1 – Não é preciso, obrigado.

Polícia 3 – O que aconteceu ao Pai Natal? Caiu-lhe mal alguma coisa?

Polícia 2 – Por assim dizer.

Polícia 3 – As festas convidam a cometer excessos.

Polícia 2 – E depois arrependemo-nos. *(Para o Polícia 1.)* Não é?

Polícia 3 – E logo o Pai Natal. Que exemplo para as crianças.

O Polícia 3 sai.

Polícia 2 – Mete-o com o mitómano.

Polícia 1 – Porquê?

Polícia 2 – Se depois disser que viu o cadáver do ministro, quem é que vai acreditar?

Polícia 1 – Ter um mitómano por perto também tem as suas vantagens.

Polícia 2 – Eu fico aqui a entreter o chefe de gabinete.

O Polícia 1 sai arrastando o Pai Natal pelos pés. Regressam o Chefe de gabinete e o Comissário, que tenta manter a calma.

Comissário – Não vai acreditar, mas perdemos o ministro. Não terá passado por aqui?

Polícia 2 – Não vi ninguém.

Chefe de gabinete – Espero que não lhe tenha acontecido nada.

Comissário *(a brincar)* – O que é que poderia acontecer a um ministro do Interior dentro de uma esquadra?

Chefe de gabinete – Pois claro.

Comissário – Se calhar está na casa de banho. Até os ministros têm necessidades fisiológicas.

Chefe de gabinete – Naturalmente.

Comissário – Embora seja curioso que o chefe de gabinete não tenha conhecimento das reuniões mais privadas do seu ministro.

Chefe de gabinete – Muito engraçado. O sentido de humor deve ser importante na sua profissão.

Comissário – Entretanto, vou mostrar-lhe as instalações. Como verá, estão num estado lamentável. «A precisar de algumas obras», como dizem os agentes imobiliários quando querem dizer «a cair aos bocados». Se pudesse mencionar isto ao ministro, quando ele aparecer…

O Comissário leva o Chefe de gabinete. O Polícia 1 regressa.

Polícia 2 – Então?

Polícia 1 – Disse ao mitómano que o homem mascarado de Pai Natal era o ministro do Interior e que eu lhe tinha dado um tiro na barriga.

Polícia 2 – E acreditou?

Polícia 1 – Essa é a vantagem dos mitómanos: acreditam em tudo.

Polícia 2 – Pelo menos ganhámos algum tempo.

Polícia 1 – Esconder um cadáver numa esquadra… Não seria o primeiro sítio onde a polícia o procuraria, mas…

Polícia 2 – Também não podemos levá-lo daqui às costas. Há polícias por todo o lado. E, quando for anunciado oficialmente o desaparecimento de um ministro, teremos aqui todos os serviços de segurança e unidades especiais do país.

Polícia 1 – Temos de arranjar uma solução. Depressa.

Polícia 2 – Se não podemos livrar-nos do cadáver, precisamos de uma explicação perfeitamente natural para a morte dele.

Polícia 1 – Natural? Com uma bala na barriga?

Polícia 2 – Então precisamos de alguém que assuma as culpas!

Polícia 1 – Suponho que não te vais oferecer como voluntário.

Polícia 2 – O mitómano!

Polícia 1 – O quê?

O telemóvel do Polícia 2 toca.

Polícia 2 – Vai buscá-lo. Já te explico.

Polícia 1 – Vou já.

O Polícia 1 sai. O Polícia 2 atende o telemóvel.

Polícia 2 – Estou? Ah, olá, mãe… Sim, eu sei. Claro que preferia estar aí a comer ostras contigo… Não, aqui está tudo muito calmo. Sabes como é, véspera de Natal… Olha, tenho de desligar. Tenho aqui um problemazinho para resolver… Nada de grave! Guarda-me uma fatia de bolo de Natal, está bem? Feliz Natal, mãe!

O Polícia 1 regressa com o Mitómano.

Polícia 2 – Então, como vão essas memórias do além-túmulo?

Mitómano – Muito bem, obrigado. Mas mal comecei, por isso, se me dão licença…

Polícia 1 – De certeza que nos pode dispensar cinco minutos.

Mitómano – Está bem, cinco minutos.

Polícia 2 – Sente-se. Apetece-lhe beber alguma coisa? Um licorzinho de castanhas? É um veneno típico daqui.

Mitómano – Não, obrigado. Não bebo.

Polícia 2 – Eu e o meu colega temos uma proposta para lhe fazer. Uma proposta muito interessante.

O Polícia 1 olha para o colega, sem perceber o que ele pretende.

Mitómano *(desconfiado)* – Não vêm outra vez com a conversa da prescrição, pois não?

Polícia 2 – Pelo contrário. Com um assassínio do século passado, arrisca-se a que o crime já tenha prescrito. Percebe?

Polícia 1 *(começando a perceber)* – Nem com o melhor advogado do mundo…

Mitómano – Onde querem chegar?

Polícia 2 – E se fosse o senhor o assassino do ministro do Interior? Foi nomeado na semana passada. É um crime da maior atualidade.

Mitómano – Mas está morto. O cadáver está na minha cela.

Polícia 2 – Exatamente. Mas aquilo foi um acidente. Nós oferecemos-lhe um assassínio a sério, com premeditação.

Mitómano – Não posso matá-lo. Já está morto.

Polícia 2 – Precisamente! Toda a glória para si, sem ter de mexer uma palha.

Polícia 1 – E a nós fazia-nos um pequeno favor.

Mitómano – Lamento imenso, mas não posso.

Polícia 1 – Um ministro, um presidente… Que diferença faz?

Mitómano – Mas aquele era presidente dos Estados Unidos!

Polícia 1 – Não seja tão esquisito.

O Mitómano levanta-se.

Mitómano – Gostava muito de vos ajudar, mas não posso mesmo.

Polícia 2 – E por que raio não?

Mitómano – Porque não quero dizer uma mentira!

O Polícia 3 passa por ali.

Polícia 3 – Já sabem da novidade? Perdemos o ministro do Interior! O comissário está a subir pelas paredes!

Mitómano – O ministro do Interior? Está morto na minha cela. Mas juro que não fui eu que o matei.

Polícia 3 – Claro, claro. E aposto que está mascarado de Pai Natal.

Mitómano – Exatamente.

O Polícia 3 revira os olhos.

Polícia 1 – Podes acompanhar outra vez o nosso convidado à cela?

O Polícia 3 leva o Mitómano.

Polícia 1 – Tinha de nos calhar um mitómano que se recusa a mentir!

Polícia 2 – O problema dos mitómanos é que estão sempre convencidos de que dizem a verdade.

Polícia 1 – Também podíamos culpar a prostituta, mas como?

Polícia 2 – Não me admirava nada que o Pai Natal fosse um dos clientes dela.

Polícia 1 – Afinal, já dormia com a minha mãe.

Polícia 2 – Estou a falar do ministro!

Polícia 1 – Ah, pois. Desculpa.

Ficam a pensar.

Polícia 2 – O vagabundo! Está na cela a dormir a bebedeira.

Polícia 1 – E depois?

Polícia 2 – Vem comigo. Acho que já sei.

Saem. Entram o Comissário e o Chefe de gabinete.

Comissário – Não percebo onde é que ele se meteu.

Chefe de gabinete – Se não aparecer nos próximos cinco minutos, terei de informar o presidente. Perder um ministro do Interior dentro de uma esquadra é gravíssimo. Receio que isso não favoreça a sua promoção.

Comissário – Diz que está mascarado de Pai Natal? Com uma descrição tão precisa, não devia ser difícil encontrá-lo.

Entram os dois polícias, a segurar um Pai Natal inerte, com o gorro muito puxado para baixo e o rosto escondido pela barba postiça.

Polícia 1 – Encontrámo-lo!

Comissário – Aleluia!

Chefe de gabinete – O que lhe aconteceu? Está com um aspeto horrível.

Polícia 2 – Parece que aproveitou a visita às esquadras para visitar também todos os bares do bairro.

Comissário – Mas tenho a sensação de já ter visto este Pai Natal…

Polícia 2 – Sim, comissário. Um simples engano de identidade.

Polícia 1 – Entrou aqui completamente bêbedo…

Polícia 2 – E mascarado de Pai Natal…

Polícia 1 – Confundimo-lo com um vagabundo e pusemo-lo numa cela para lhe passar a bebedeira.

Chefe de gabinete – Meu Deus, que cheiro! Peço imensa desculpa. Não é nada próprio dele. Obrigado por terem tomado conta dele. E conto, evidentemente, com a vossa discrição sobre este pequeno incidente.

Polícia 2 – Pode confiar em nós. Ficaremos calados como túmulos.

Chefe de gabinete – Levo-o para casa e deito-o. Amanhã estará como novo.

O Chefe de gabinete tenta suportar o peso do Pai Natal.

Chefe de gabinete – Ajudam-me a metê-lo no trenó? Quero dizer, no carro. Pesa uma tonelada.

Comissário – Os meus homens tratam disso.

Chefe de gabinete – Obrigado. Ponham-no no banco de trás. E não se esqueçam de lhe pôr o cinto de segurança!

Os polícias levam o Pai Natal. O Comissário ergue a garrafa, triunfante.

Comissário – Bem, tudo está bem quando acaba bem. Um copinho para celebrar?

Chefe de gabinete – Só um pequeno, e vou-me embora. Que noite!

Comissário – Saúde!

Bebem um gole.

Chefe de gabinete – Valha-me Deus! Se é isto que o ministro andou a beber, agora percebo o estado em que está. Enfim, comissário, obrigado por tudo. Em nome do ministro, permita-me felicitá-lo pela dedicação e eficiência.

Comissário – Temos uma falta desesperante de pessoal, claro…

Chefe de gabinete – Receio não poder prometer-lhe mais agentes. Os orçamentos estão muito apertados. Mas o ministro saberá apreciar a sua discrição. Quando recuperar, vou propor que lhe atribuam uma condecoração. Ao menos isso não custa nada.

Comissário – Uma medalha? A sério? Que bela prenda de Natal!

Chefe de gabinete – Bem, tenho de ir.

Comissário – Vou acompanhá-lo. Também tenho a família à espera em casa.

Saem o Comissário e o Chefe de gabinete. Regressam os dois polícias.

Polícia 1 – Ufa. Já se foram. Finalmente podemos respirar.

Polícia 2 – O que fazemos ao cadáver?

Polícia 1 – Atiramo-lo ao rio. Nesta época afoga-se imensa gente.

Polícia 2 – Mas não tantos ministros. E muito menos com uma bala na barriga.

Polícia 1 – Um ministro do Interior deve ter muitos inimigos.

Polícia 2 – Devem fazer-lhe um funeral de Estado.

Polícia 1 – Pagava para ver a cara da mulher do ministro quando acordar amanhã ao lado de um vagabundo bêbedo.

O Chefe de gabinete entra de rompante.

Chefe de gabinete – O homem que meteram no meu carro acabou de acordar! E não é o ministro!

Polícia 1 – Não me diga.

Chefe de gabinete – Eu bem estranhava. O ministro gosta de beber, mas normalmente aguenta muito mais. Este vomitou por todo o carro oficial!

Polícia 2 – Que coisa mais estranha.

Polícia 1 – Deve ter havido uma confusão.

Chefe de gabinete – Felizmente, acabámos de encontrar o ministro!

Polícia 1 – A sério?

Chefe de gabinete – Acabou de chegar. Ficou preso num engarrafamento da circular, trenó incluído. Está aqui dentro de um minuto.

Polícia 2 – Ora, ora.

Chefe de gabinete – Vou recebê-lo à entrada.

O Chefe de gabinete sai.

Polícia 1 – Ainda bem! Afinal não matei ministro nenhum!

Polícia 2 – Isto merece um brinde! *(Bebem.)* Espera aí… Então quem é que mataste?

Polícia 1 – Trocámos os disfarces às escuras. Não cheguei a ver-lhe a cara.

Polícia 2 – Estávamos tão convencidos de que era o ministro que nem nos lembrámos de confirmar.

Polícia 1 – E se fosse o verdadeiro Pai Natal?

Polícia 2 – Vamos descobrir.

Saem e regressam arrastando o cadáver, agora vestido com a roupa do Vagabundo em vez do fato de Pai Natal.

Polícia 2 – Merda! É o Martin!

Polícia 1 – Deve ter-se mascarado de Pai Natal para nos fazer uma surpresa.

Polícia 2 – E conseguiu.

Polícia 1 – Também não era nenhum santo: era um bufo insuportável. Ninguém vai sentir a falta dele.

Polícia 2 – Foi a única barata de que conseguimos livrar-nos. O que trazia no saco?

Polícia 1 *(espreitando lá para dentro)* – Ostras!

Polícia 2 – Bem, ao menos não vamos ter pena de desperdiçar a prenda. Odiamos ostras.

Polícia 1 – Está aqui um bilhete.

Polícia 2 – Deve ser algum postal de boas-festas.

Polícia 1 – A matrícula do vizinho. Aquele que anda com o seguro do carro caducado. Até desenhou um retrato do suspeito.

Polícia 2 – Deixa ver. *(Examina o desenho.)* Nada mau. Tinha jeito para o desenho.

Polícia 1 – Um verdadeiro artista.

Polícia 2 – Mas vamos ter de nos livrar dele.

Tentam erguer o pesado cadáver.

Polícia 1 – Quando o atirarmos ao rio, com o peso das conchas das ostras vai demorar a vir à superfície.

Começam a arrastar o cadáver em direção à saída. Nesse momento, numa luz irreal, aparece outro Pai Natal e dirige-se a eles com uma voz sobrenatural.

Pai Natal – Então, meus filhos, portaram-se bem este ano?

Polícia 1 – Valha-me Deus! E agora quem é este?

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Janeiro de 2024
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-128-2

Documento para download gratuito